

# **NERO: POLÍTICA EXTERNA E DEFESA DO IMPÉRIO**

Daniel Valle Ribeiro  
(UFMG)

## **Résumé**

Néron, le moins belliqueux des empereurs romains du premier siècle, s'est trouvé aux prises avec des problèmes militaires.

L'historiographie moderne étudie et analyse de nouveaux aspects de son gouvernement, que l'antique historiographie, appuyée sur des textes de Tacitus, Dion Cassius et Suetonius, n'a pas compris.

En Orient, les parthes envahissent l'Arménie et causent des problèmes jusqu'à ce que Rome arrive à les pacifier. En Occident, la guerre de Bretagne a causé plus de cinquante mille morts. En même temps, en Germanie, les barbares ne sont pas du tout tranquilles. En outre, les relations entre les juifs et les romains sont très difficiles: la domination est oppressive; les extorsions, fréquentes; et les juifs se soulèvent.

Pode parecer irônico que o menos belicoso dos imperadores do século I se envolvesse em sucessivos problemas militares. Convém observar que a limitação dos efetivos, desde o advento da monarquia, impediu o Império de empenhar-se militarmente nas tarefas de defesa e impeliu o Estado a renunciar a empresas que lhe haviam de propiciar segurança e prestígio. Por essas razões, Roma não pôde manter o domínio sobre a Germânia e viu-se impossibilitada de resolver, de modo definitivo, o problema das relações com os partos. O Império tinha, sem dúvida, possibilidades para firmar-se no mundo oriental sobre os mesmos pressupostos ideológicos das monarquias helenísticas, isto é, apresentando-se como continuador dos mesmos ideais de conquista ilimitada e indefectível (Attilio Levi). Além disso, a guerra contra os partos era fundamental para assegurar o domínio romano na Ásia Menor e o único caminho para garantir a tranquilidade do comércio romano no Oriente.

Preocupada em corrigir muitas afirmações contidas nas fontes antigas, a historiografia moderna tem desvendado novos aspectos da vida do Principado durante o reinado de Nero. Fala-se hoje – ao lado de uma política interna, de uma política econômica –, de uma diligente e oportuna diplomacia do quinto imperador. Particular atenção vem merecendo a ativa política oriental e o admirável esforço do jovem soberano para conciliar as duas faces do mundo romano, buscando uma interpenetração das civilizações ocidental e oriental, no propósito grandioso de aproximar o Oriente helenístico do Ocidente latino. A historiografia antiga não compreendeu a amplitude dessa política de renovação. Na sua hostilidade a Nero, Tácito, Suetônio e Dión Cássio não viram senão a decadência e a destruição de uma civilização arrastada à infâmia pela tirania e a crueldade de um monstro.

A partir de Augusto, importa assinalar, a política externa de Roma foi caracteristicamente defensiva. O Império não se preocupou em anexar ou colonizar novos territórios para eliminar zonas de pressão como as existentes nas fronteiras do Reno e da Armênia. Esta última, objeto de conquista parta, constituía ponto nevralgico desde que, com a morte de César, se rompera o plano de difusão da civilização clássica. A malograda tentativa de conquista da Germânia por Augusto impediu a necessária e desejada romanização da região, que depois se tornou impossível, e Roma teve de limitar-se a incursões punitivas contra os bárbaros.

A situação praticamente não se alterou nos primeiros anos de governo de Nero. Na Armênia, o objetivo era conter os partos dentro de suas fronteiras; na Germânia, manter no Reno uma linha fortificada para guarnecer o *limes*. Impõe-se reconhecer, com tantos historiadores modernos, que Nero tinha em mente um plano de assimilação das culturas romana e oriental. Não era propriamente um programa de expansão mas um projeto de estabilização através da renovação. Presumivelmente, mais instintivo que racional. Era uma política do próprio Nero, não de Sêneca, de Agripina ou de Corbulão. Expressava-se no culto das artes e dos espetáculos, nos projetos de viagens, na inquietação manifesta de um príncipe incapaz de permanecer confinado dentro dos

estreitos limites do palácio imperial, na paixão do mar e mesmo nas libertinagens noturnas, ocasião em que se misturava com gente de todos os níveis sociais<sup>1</sup>. As orgias de Nero, que tanto escandalizavam a aristocracia senatorial e o romano de tradição, merecem mais atenção do que lhe dispensou Suetônio. Mesmo adotando um comportamento pouco convencional, Nero sentia-se preso aos ensinamentos de seu mestre e ministro, aos conselhos e controle de sua mãe, aos deveres de seu ofício. Revelava-se impaciente e inconformado. Mas é necessário reconhecer: havia mais substância política e futuro nas incursões noturnas do imperador do que na direção que, peado pelo receio ou respeito a Sêneca, ele seguia de má vontade<sup>2</sup>.

### A GUERRA DA ARMÊNIA

Tácito expõe as correntes de opinião dominantes em Roma quando Nero, no começo de seu governo, se viu diante da possibilidade de um confronto militar com os partos, e afirma que havia confiança porque Sêneca e Burro eram homens de comprovada experiência das coisas e que ao imperador não faltaria energia para levar a bom termo a campanha<sup>3</sup>. Com efeito, renascia no final de 58 a velha questão do Oriente. Nos últimos anos da República, Roma tentara sem êxito submeter os partos. Júlio César dispunha-se a marchar contra a Pártia com dezesseis legiões para empreender a conquista, quando foi assassinado. Augusto sabia que a opinião pública romana ansiava por mais que um sucesso diplomático e, embora a realidade fosse bem diferente, tentou dar a impressão de que a Pártia e a Armênia eram dependentes de Roma, talvez pelo fato de haver podido, em algumas ocasiões, manter nos tronos desses países seus candidatos. No período de Cláudio, Vologeso, rei dos partos, encontrou oportunidade para invadir a Armênia, antigo domínio de seus antepassados, a fim de colocar no poder o irmão, Tiridates. A despeito das vitórias iniciais, o rigor do inverno e a peste forçaram o invasor a adiar seus planos. A guerra entre romanos e partos prosseguia, mas em fracas hostilidades. Sob Nero, a luta pela posse da Armênia seria travada com mais empenho. Vologeso não tolerava que o irmão, Tiridates, se visse privado do trono que lhe dera ou que o possuísse como dádiva de potência estrangeira. Para fazer frente ao problema armênio, Nero entregou o comando das operações a Domício Corbulão, partidário dos direitos outrora alcançados pelas campanhas de Luculo e Pompeu, e que já havia dado provas de seu valor na Germânia. Na verdade, a guerra obedecia a duplo propósito: conter a invasão parta e proteger o comércio romano com o Orien-

1 - Sobre o significado dos excessos de Nero e, enfim, de toda a sua *Weltanschauung*, cf. Picard, 1962; e também Radlus, s.d.: 132-3; e ainda Levi, 1949: 158-62.

2 - Radlus, s.d.: 133.

3 - Tac. *Ann.* XIII 6. Para uma visão dos países da Ásia Ocidental, principalmente o Reino de Pérgamo, Egipto, Judéia e Reino dos partos, antes da guerra civil, cf. Mommsen, 1960: IV 422-6. Sobre a política oriental de Nero, cf. Chapot, 1951: 65-6-275. V. também Henderson, 1903: 153 et seqs, e Levi, 1949: 168 et seqs.

te. Nero aparentemente retomava a política agressiva de Luculo e Pompeu, não obstante fosse pessoalmente pacifista.

Percebendo o despreparo e a indisciplina da tropa, Corbulão procurou restabelecer a ordem e o espírito combativo de seus soldados. Segue-se uma guerra dispersa, sem encontro frontal, antes uma guerrilha. Defecções na Armênia dificultavam os projetos de Tiridates, que concluiu não haver mais razão para entregar à sorte das armas o que poderia ter solução através de acordo. Não tendo sido possível, pela desconfiança mútua, Corbulão decidiu-se a atacar as posições inimigas na escalada de que resultou o assalto a Artáxata, a capital, que foi incendiada e duramente arrasada. Prosseguiu sua marcha até Tigranocerta, que também se rendeu. O prestígio romano estava restabelecido e firmava-se como nos melhores tempos. O reino da Armênia foi confiado a Tigranes, antigo refém em Roma, que não parecia o homem certo para as circunstâncias. Corbulão retirou-se para assumir a jurisdição imperial da Síria.

A vitória não trouxe resultado decisivo porque a guerra estava apenas temporariamente interrompida. Para comemorar o triunfo, o Senado decretou festivo o dia dessa vitória, mandou erigir estátuas e arcos ao príncipe e o aclamou *imperator*. Entretanto, continuavam pendentes a questão fundamental da posse da região e o definitivo afastamento do perigo parto. Com efeito, a defesa da fronteira da Armênia aparecia como a tarefa mais importante de Roma, porém é imperioso reconhecer que a luta com os partos era demasiadamente arriscada porque, além de outros fatores, as legiões se deparavam com um inimigo ousado e estimulado pelo ódio aos romanos. As considerações que se escondem por trás da conduta romana não são expostas por Tácito, ficando apenas subentendido que Corbulão tinha liberdade de ação. Teria porventura falhado a política armênia de Nero – razão de sua queda, segundo alguns? Pretender enxergar nos resultados políticos da campanha de Corbulão desinteresse de Nero pela conquista do reino dos partos, que lhe propiciaria romanizá-lo e tomá-lo o baluarte mais avançado na parte oriental do Império, parece-nos precipitado<sup>4</sup>. Sabemos por Tácito que o general vitorioso gostava de contemporizar e, sempre que possível, evitar com astúcia a incerteza dos confrontos. Também é verdade que o projeto neroniano de promover a fusão dos dois mundos não implicava necessariamente participação militar, mas era antes uma concepção cultural, uma idealização não elaborada. Razão por que não atendia à expectativa de seus generais. Seguramente, a fronteira da Armênia teria de ser recuada até o reino dos partos para aliviar a pressão que se exercia sobre o Ocidente. Por não ter feito isso, a política oriental de Nero ou, mais precisamente, sua política armênia resultou falha, e a turbulência voltou a inquietar o *limes* oriental.

Afrontado com a destituição de seu irmão e irritado com o assalto de Tigranes à vizinha província arsácida, Vologeso decidiu reagir e fazer guerra aos romanos, a quem

4 – Radlus, (s.d.: 213) é de opinião que Nero não desejou realmente a conquista, deixando de pôr à disposição do general as forças necessárias. Levi (1949: 169-70), por seu turno, afirma que Nero, premido por dificuldades de política interna, cometeu o seu primeiro erro na guerra partica ao dividir o comando de Corbulão com o legado da Síria. Domício Corbulão, útil ao Estado Romano, no momento, poderia tomar-se um perigo à segurança do príncipe.

responsabilizava pelo rompimento da paz. Entregou novamente o trono da Armênia ao irmão Tiridates e pôs-se em marcha sobre as províncias de Roma. Seus dois principais alvos eram a Armênia e a Síria. Corbulão encarregou-se da defesa da Síria, providenciou o envio imediato de reforços a Tigranes e também cuidou de guarnecer o Eufrates, erguendo adiante do rio fortificações para interceptar o invasor. Para proteger a Armênia foi designado Césario Peto, que logo se revelou incompetente. A rivalidade entre os dois chefes não tardou a aparecer. Mal se toleravam. A ameaça de invasão exigia ação pronta e enérgica para desferir um golpe decisivo no inimigo, ou seja, uma guerra de conquista, uma retomada dos planos de César. Isso não ocorreu. Embora bem sucedido, Corbulão inclinou-se a negociar com Vologeso. Este, por sua vez, declarou-se pronto a tratar com o Imperador para reclamar a posse da Armênia e firmar a paz; mandou levantar o cerco de Tigranocerta e retirou-se. Não tendo chegado a acordo, as partes reiniciaram as hostilidades. Peto invadiu a Armênia e deslocou seu exército para o Monte Tauro, a fim de recuperar a capital. Ali foi cercado e batido pelo inimigo, quase sem luta. Corbulão partiu em socorro, sem muita pressa, para remediar a inépcia do rival, mas chegou tarde. Peto já havia abandonado o acampamento sitiado, em desorganizada e humilhante retirada. Vologeso, triunfante, cruzou o rio sobre um elefante, deixando no seu rastro armas, cadáveres e as legiões em fuga. Ainda uma vez coube a Corbulão restabelecer o equilíbrio e encontrar uma solução para salvar o prestígio romano. Das negociações que se seguiram entre ele e o rei parto, ficou estabelecido que as fortificações romanas além do Eufrates seriam demolidas e, em troca, os partos deixariam a Armênia. Entrementes, a Roma chegavam notícias contraditórias. Carta de Vologeso, levada por emissários, narrava o que ocorrera com as legiões de Peto e revelava a disposição de Tiridates de ir a Roma receber a coroa, mas que se via momentaneamente retido por seus deveres de sacerdote; que iria diante das insígnias e da imagem de César, defronte das legiões, receber a investidura de seu poder. De seu lado, Peto não mandava informações seguras, dando até a entender que tudo ia bem. O Senado, todavia, já tinha ordenado em Roma a construção de monumentos pela derrota dos partos, antes mesmo que a guerra houvesse acabado.

Os embaixadores orientais voltaram sem nada conseguir mas levaram presentes para deixar claro a Tiridates que, se viesse pessoalmente, obteria o que pretendia. Nero tomou conselhos sobre o caminho a seguir— uma paz desonrosa ou uma guerra arriscada. Desta nem se cogitou. Foram, entretanto, reforçadas as tropas da região e Corbulão recebeu poderes tão grandes quanto os que anteriormente haviam sido cometidos a Pompeu para combater os piratas que infestavam o Mediterrâneo e importunavam o interesse comercial de Roma. O general, além de haver obtido os melhores feitos militares, revelou-se hábil negociador ao receber os embaixadores de Tiridates e Vologeso que tinham vindo tratar da paz. Sugeriu Corbulão que Tiridates recebesse a coroa da Armênia como doação e que Vologeso firmasse aliança com Roma. Dava-se, pois, de novo àquele país um príncipe persa, que recebia investidura do Imperador romano. Em dia e hora marcados celebrou-se a conferência entre Corbulão e Tiridates. Decidiu-se que o jovem soberano colocaria as insígnias reais junto à estátua de César

e que não as retomaria senão das próprias mãos do imperador. A cerimônia realizou-se poucos dias depois, com os dois exércitos confrontando-se em soberbo desfile militar. A astúcia de Corbulão transformou a festa em exaltação a grandeza de Roma, a tropa a exhibir seus estandartes e águias e no meio dela as imagens de seus deuses. No centro havia uma tribuna sobre a qual a cadeira curul sustentava a estátua de Nero. Para lá dirigiu-se Tiridates, que depôs sua coroa aos pés da estátua. O esplendor da cerimônia foi completado com o magnífico festim oferecido por Corbulão ao rei da Armênia. Este não escondia sua admiração pelo que via, fascinado, entre outras coisas, pelo toque da buzina no fim das refeições e o acender dos fogos em frente da barraca augural. A tudo respondia o general com exageros, incitando o entusiasmo do seu hóspede pelos costumes romanos. Tiridates escreveu depois cartas de submissão ao imperador e preparou-se para ir a Roma receber das mãos de Nero sua coroa. A Armênia era dos partos, mas Roma ostentava a dominação.

A visita de Tiridates a Nero custou ao tesouro imperial elevada soma, que recaiu como oneroso fardo sobre as províncias. Depois de passar por Nápoles, onde se encontrava o imperador, para prestar-lhe obediência, o rei da Armênia dirigiu-se a Roma. A cerimônia de coroação realizou-se no Fórum. Nero, vestido com o manto triunfal, recebeu o príncipe asiático, que se lançou a seus pés e proferiu palavras de humilde submissão. Nero respondeu solenemente que lhe concedia agora a coroa que somente ele tinha o poder para tirar ou outorgar<sup>5</sup>. Tiridates recebeu valiosíssimos presentes e teve permissão para reconstruir Artáxata, para o que lhe foram cedidos trabalhadores especializados. Nero ordenou que se fechasse o templo de Jano, na esperança de que uma nova Pax Augusta se abrisse para o Império.

O longo período de estabilidade que sobreveio provavelmente justificou o tratamento dado ao problema. Não se encontra nas fontes nenhuma censura à solução propriamente dita, embora fique subentendido que Corbulão tinha pessoalmente condições para obter vitórias decisivas, caso houvesse encontrado maior disposição da parte do imperador. Mas é preciso lembrar que Nero apoiou sempre o seu general, oferecendo-lhe os reforços necessários e mantendo-o durante longo tempo no comando de numerosa tropa e no governo de extenso território, o que desde a época de Augusto não havia sido permitido a pessoas estranhas à família imperial<sup>6</sup>. Não deve ser esquecido também, como se escreveu antes, que Roma não dispunha, desde o advento do Império, do considerável número de exércitos do final da República. A redução, por Augusto, do número total de legiões e o desgastante esforço na Germânia tornaram praticamente impossível a manutenção de uma expressiva força no Oriente. Daí nem sempre ter podido Roma apolar os príncipes ali tutelados, pois se tornara quase inviolável maior envolvimento militar na região. Nessas circunstâncias, a política armênia de Nero não deixa

5 - D.Cass. Hist.Rom.LXIII. Sobre a visita de Tiridates, v. Suet. Nero XIII e Plin. Nat.hist. XXX 14-7.

6 - Warrington, 1969: 97. As contradições da política oriental de Nero explicam-se pelo contraste entre as aspirações de Corbulão e as ordens emanadas do príncipe e do Senado (Levi, 1949: 174). Sobre a idéia política e a campanha de Corbulão, v. Levi, 1949: 177 et seqs.

de ser meritória, em que pesem as contradições entre a grandiosa idealização e sua realidade tangível. Entretanto, por haver ele concebido uma verdadeira política oriental, foi possível ao Império assegurar, nos cinquenta anos seguintes, relações estáveis com os mais perigosos rivais de Roma.

#### A GUERRA DA BRETANHA

Os primeiros passos seguintes à conquista da Bretanha não tinham sido particularmente difíceis para os romanos. A arremetida contra a parte oeste foi mais árdua diante da resistência que os silures ofereciam. Pouco antes de Nero subir ao poder, o governo da Bretanha coube a A. Dídio, que se empenhou na luta contra os obstinados silures, mantendo as posições até então conquistadas. Seu sucessor, Q. Verânio, empreendeu algumas incursões ao interior do país dos silures; todavia a morte o impediu de completar a obra de expansão na província.

No início de seu principado, Nero não parece animado do propósito de ampliar o domínio na região, talvez porque, não obstante tivessem os silures cessado as hostilidades, a parte ocidental da Província só fosse considerada segura depois de garantida a submissão dessa tribo. É também presumível que tenha havido esperança de encontrar riqueza mineral e assim ampliar a exploração do chumbo que, desde 49, era extraído em Mendips<sup>7</sup>.

Em 58, Nero encarregou do governo da Bretanha Suetônio Paulino, que havia adquirido certo prestígio em sua passagem pela Mauritânia e por sua bravura era considerado rival de Corbulão. Preparou-se Suetônio com o objetivo de fazer uma expedição contra a Ilha de Mona (**Anglesey**), densamente povoada e local de refúgio dos rebeldes. A travessia do estreito operou-se com facilidade, mas ofereceu a Tácito ocasião para narrar o pavor dos soldados diante de mulheres desgrenhadas, vestidas de preto e a erguerem fochos incendiários, ao lado dos druidas que bradavam imprecações.

Enquanto destruíam os bosques onde se sacrificavam os prisioneiros, Suetônio Paulino conheceu a revolta dos icenos, que vinha fermentado havia longo tempo. O rei Prasútago, na esperança de salvar seu reino e sua fortuna, antes de morrer tinha instituído herdeiros suas duas filhas e o imperador. Após sua morte, entretanto, os romanos devastaram-lhe o reino, flagelaram sua esposa (Baudica) e violaram suas filhas. Os principais dos icenos foram despojados e os parentes do rei, escravizados. A indignação tomou conta da tribo, que teve o apoio de outras, dentre as quais se salientavam os trinobantes, que haviam sofrido com a criação da colônia de Camaloduno (**Colchester**) em seu território e viram suas propriedades confiscadas. Acrescenta-se ainda a repulsa às despesas de culto no templo erguido por Cláudio em sua própria homenagem.

A brutalidade dos centuriões e a rapacidade dos procuradores aparecem em Tácito como causas da revolta<sup>8</sup>. A temática da liberdade é retomada por Dião Cássio, que

7 - Warrington, 1969: 74.

8 - Tac. *Ann.* XIV 31.

também atribui a Baudica palavras de comovente apelo à luta contra a opressão. Para ele, entretanto, as razões da revolta prendem-se à exigência de devolução das importâncias que Cláudio concedera aos notáveis da tribo. Outro motivo seria o extorsivo empréstimo financeiro de Sêneca ao rei Prasútago, cujo pagamento em vão o ministro exigia<sup>9</sup>. Não deixa de ser significativo o silêncio de Tácito, que conhecia bem as acusações ao filósofo propenso à hipocrisia.

A revolta foi liderada pela rainha Baudica. Essa mulher de bela aparência e voz dura, vibrando de indignação e tendo nas mãos uma lança, dirigiu-se a todos a pregar a luta pela liberdade contra a servidão, a luta contra a cobiça romana que a todos privava de seus direitos. Num carro com as filhas, percorria as diversas nações fomentando a guerra ao inimigo. O primeiro ataque ocorreu em Camaloduno. Os romanos não tiveram tempo de levantar trincheiras e construir fossos para a defesa da colônia, que se viu reduzida a escombros, com seus edifícios e templos incendiados. A legião de Petílio Cerealis veio em socorro, mas foi destruída e perdeu toda a infantaria. Seguiu-se o avanço sobre Londrínio (Londres), porto de entrada e ativo centro comercial, que foi tomada e saqueada em fúria pelos rebeldes. A mesma sorte teve Verulâmio (St. Albans), cujos habitantes foram trucidados. Tácito estima em 70.000 o número total de mortos entre romanos e aliados. Dião Cássio admite que 80.000 pessoas foram massacradas nessas razzias. As cifras não parecem exageradas quando se recorda que era comum o afluxo maciço de comerciantes para as regiões conquistadas, devendo incluir-se aí os bretões que não aderiram à revolta.

Suetônio Paulino manteve-se imperturbável na adversidade. Reorganizou seu exército, agrupando a Décima Quarta Legião e forças auxiliares, num total de dez mil homens. Aos soldados exortou a darem combate aos rebeldes, em cujas fileiras, salientava, havia mais mulheres que combatentes. Dispôs suas tropas em posição favorável, junto de uma entrada estreita cercada de florestas. Aí travou-se a batalha. A princípio a legião se manteve firme, escorando o ataque inimigo, mas, logo que este esgotou seus arremessos, irrompeu em forma de cunha, acompanhada no mesmo ímpeto pelas tropas auxiliares. Nem mesmo as mulheres foram poupadas no massacre dos bretões. Baudica suicidou-se, para não cair viva nas mãos dos romanos.

Vitorioso embora, Suetônio ficou sujeito à inspeção de um enviado especial, despachado para a Bretanha a fim de examinar o estado geral da província e tentar estabelecer a concórdia entre o general e o novo procurador, bem como abrandar o ódio da população. O imperador ficara sensibilizado com a terrível matança e com a devastação de cidades e colônias. Suetônio manteve seu comando até 61, quando teve ordem de entregar o exército por haver perdido alguns navios. Graças em parte à moderação com que se houve Nero na condução dessa guerra, abstendo-se de punir mais duramente os revoltosos, pôde o sucessor de Suetônio obter destes a deposição das armas. Durante o remanescente reinado de Nero, os romanos tiveram pouca atividade

<sup>9</sup> - D. Cass. *Hist. Rom.* LXII. Tenha-se em conta a hostilidade deste autor a Sêneca, cuja fortuna estimulava críticas praticadas.

militar na Bretanha. Afinal, não existia a perspectiva de uma visão a partir da ilha e os negócios do Oriente exigiam maior explicação. Por essa razão, o imperador pensou até em retirar o exército da Bretanha, idéia a que somente renunciou por não querer insultar a glória de seu pai<sup>10</sup>.

#### A FRONTEIRA RENO-DANUBIANA

O Império estava em paz e as fronteiras bem definidas. A solução da questão armênia, bom ou mau grado, revelou o senso da política externa neroiana. Estabelecido o equilíbrio na parte oriental, Nero cogitou até da ocupação do Cáucaso e da Rússia meridional para melhor assegurar a Roma o indispensável abastecimento de cereais.

Na Germânia, a situação continuava sob controle. Todavia, a pretendida conquista definitiva da região tornara-se um projeto irrealizável após o insucesso da tentativa de Augusto. As campanhas de Germânico, por seu turno, interrompidas sob Tibério, demonstraram a inviabilidade da fixação de uma linha Elba-Danúbio. A partir daí a fronteira recuou até a margem esquerda do Reno e passou a compreender dois comandos – o da Germânia Superior e o da Germânia Inferior. Mas a criação de postos avançados no território dos bárbaros pareceu aos imperadores uma providência inelutável, disso resultando a construção de fortes em Hofheim, Wiesbaden e Gros-Gerau, nas duas margens do Main inferior. Tal política de ocupação transrenana seria estendida por Cláudio até Francoforte, com legiões e tropas auxiliares, e cujo objetivo essencial era proteger a Gália do Norte<sup>11</sup>.

Para melhor abrigar os soldados, construções de pedra substituíram as de madeira e terra. Da margem direita do Reno teve início uma progressiva penetração pacífica que se refletiu na abertura de estradas e mercados, e na orientação dos indígenas para a agricultura e a pecuária. As terras não cultivadas formam pastagens e territórios imperiais, sob a administração do poder romano. Esses povoados quase urbanos, surgidos a partir do período Cláudio-Neroniano, proviam as tropas de serviços especiais – padeiros, armeiros, ferreiros etc. A despeito de sua função econômica, trata-se de regiões essencialmente militares, distintas dos núcleos civis formados próximo dos fortes e destinados a estabelecer ligação entre os exércitos da Germânia e do Danúbio<sup>12</sup>. Um extenso **limes** fortificado, de Andernach a Lorch, por onde se ligava ao **limes** da Récia, formava uma barreira contra as tribos orientais.

Além de seus estritos deveres militares, as tropas situadas na Germânia dedicavam-se a outras ocupações. Corbulão, proibido por Cláudio de novos empreendimentos, por haver semeado a agitação dos caucos, pôs o exército da Germânia Inferior a serviço da construção de um canal ligando a Mosa ao Reno, com 23 milhas de extensão. Cursio Rufo, por sua vez, ocupou as guarnições da Germânia Superior na

10 – Suet Nero XVIII. Na administração da Província Britânica, Nero impôs, segundo Levi, *una diretiva misurata ed equilibrata* (1949: 191).

11 – Homo, 1947: 28

12 – Warmington, 1969: 80-1

abertura de uma mina de prata no Campo Máxico<sup>13</sup>. Um dique para conter as águas do Reno, iniciando seis décadas antes, foi completado por Paullino Pompeu. Empreendimento mais audacioso deveu-se a Vetus, que projetou ligar por um canal o Mosela e o Áranis para que, através dele e depois pelo Mosela, as tropas pudessem chegar ao Reno e ao oceano; era a tentativa de estabelecer uma ligação fluvial entre o Mediterrâneo e o Mar do Norte, através do Ródano e do Reno. A meritória iniciativa não pôde, contudo, ser concluída diante da oposição do lugar-tenente da Bélgica, sob a alegação de que tal projeto acarretaria perturbações à Gália e apreensões ao imperador.

A inatividade militar dos exércitos propiciou a crença, entre os bárbaros, de que os romanos não retomariam nenhuma ofensiva contra suas tribos. Por isso, os frísios ocuparam, nas margens do Reno, campos baldios destinados à pastagem do gado necessário ao abastecimento das tropas. Os chefes germanos, ameaçados pelas armas, tiveram ordem de retirar-se para suas antigas terras, mas foi-lhes permitido ir a Roma solicitar outras ao imperador. Nero concedeu a ambos a cidadania romana, porém ordenou que os frísios abandonassem os campos ocupados. Por não atenderem, foram reduzidos à obediência pela força.

Essa mesma terra foi depois ocupada pelos ampsivários, expulsos de seus campos pelos vizinhos, que buscavam um asilo seguro. Seu chefe, Baiócolo, tinha servido ao exército romano sob Tibério e Germânico, e havia mantido seu povo em estreita ligação com Roma. O governador da província prometeu, particularmente, dar-lhe terras, mas o chefe bárbaro recusou, voltando-se então para outras nações em busca de apoio. Os romanos frustraram a tentativa de aliança, através de uma demonstração de força, e os próprios germanos acabaram mergulhando em lutas tribais que tornaram difícil uma união contra o inimigo externo. Embora as causas desses choques tribais sejam pouco conhecidas, admite-se que tenham tido base sócio-econômica ditada pelas dificuldades oriundas do excesso de população e da infertilidade das áreas cultivadas. Roma soube explorar essas rivalidades internas e atrair as simpatias dos chefes locais.

Na verdade, os germanos infundiam certo temor, e Roma não esquecia a derrota de Varo e o insucesso de Germânico. Por outro lado, seu amor à liberdade, sua arte marcial e sua ousadia despertavam incontida a admiração, como se vê em Sêneca<sup>14</sup>. Germanos estavam a serviço do exército romano, em tropas auxiliares ou em serviços especiais, e mesmo algumas de suas tribos viviam dentro do limes romano, sujeitas a tributo.

O alargamento da fronteira até o Reno e o Danúbio, com as conquistas de César e Augusto, tornaram a Itália mais resguardada de possível ataque partido do Norte. Mas é estranho que, até Cláudio, grande parte da linha do Danúbio estivesse desprovida de maior defesa, o que supõe a inexistência de perigo temível na Floresta Negra. D'eslo-

13 – Tac. Ann. XI 19-20. Corbulão, cuja dureza no trato dos soldados inimigos se tomou conhecida, mandou que emissários atrásem à rendição os principais dos caucos e liquidassem o chefe. É lastimável que Tácito, rígido moralista, justifique a vergonhosa tração empregada contra o inimigo.

14 – Sen. De Ira I 11.

camentos de tribos na área danubiana passaram a ameaçar a presença romana, razão por que, a partir de Nero, o Império adotou medidas mais vigorosas para sua defesa. Três legiões foram então fixadas na Mésia, no Danúbio Inferior, onde a estrada construída por Tibério favorecia a penetração dos bárbaros. Dentre os numerosos povos que infestavam a província, distinguem-se os os celto-ilírios, a Oeste os trácios, a Leste; os sármatas e os bastarnas, provenientes do além-Danúbio; os citas, seminômades, vindos das estepes além do Cáucaso e do Mar Cáspio; e os gregos, nas margens do Mar Negro. Daí a existência de uma civilização propriamente romana a Oeste, enquanto a Leste predominou uma civilização helênica. Graças à fixação durante o período nerolano de expressivo número de transdanubianos na planície fértil, a província tornou-se produtora de trigo com significativa contribuição para o abastecimento de Roma. É curioso, mas não surpreendente, a presença de mercadores na foz do Dniester e do Dnieper, em ativo comércio de troca e venda. Na Panônia, que constituía a linha de defesa contra invasões de tribos próximas, localizavam-se duas legiões. Duas outras acampavam na Dalmácia, cujos recursos minerais (ouro, prata e ferro) atraíam os romanos. A paz no Danúbio, entretanto, era constantemente ameaçada pelas incessantes incursões dos povos vizinhos e, a partir de 67-68, tornou-se um desafio ao poder de Roma. De resto, coube à orientação política adotada no reinado de Nero informar o comportamento da diplomacia imperial na região renana, nos quarenta anos seguintes.

#### A GUERRA JUDAICA

Restabelecida a paz nas fronteiras, a ordem interna foi interrompida em 66, com a revolta judaica. Desde que se tomou província romana, foi a Judéia governada por um procurador que residia em Cesaréia. A todos os judeus do Império Augusto concedeu isenção do serviço militar, liberdade de culto e o direito de remeter para Jerusalém a contribuição anual do Templo. Através de legislação especial, que lhe conferia a condição de **religio licita**, pôde o particularismo religioso de Israel resguardar o direito de não cultuar imagens imperiais e ver reconhecido o caráter nacional de sua doutrina.

As extorções freqüentes dos procuradores agravavam as relações entre judeus e romanos. O domínio opressivo, entretanto, gerou choques violentos e derramamento de sangue, mesmo antes da revolta de 66, o que revelava a impossibilidade de convivência razoavelmente harmoniosa entre o Império Romano e a teocracia judaica. Incidente grave ocorreu quando Galus pretendeu instalar sua estátua no Templo; a sublevação de muitos dias só se deteve pela morte do Imperador. A tentativa de Cláudio de atenuar a posição romana, nomeando Agripa para o reino judaico, mostrou-se logo ineficaz. Talvez em nenhuma outra província o sentimento de liberdade tenha sido tão permanente, e os romanos, que sabiam da importância da religião para os judeus, não percebiam contudo suas implicações políticas e sua irredutível resistência.

Quando da ascensão de Nero ao trono, era procurador na Judéia Antônio Felix, a quem Tácito acusa de crueldade, sem especificar<sup>15</sup>. Os dois procuradores seguintes

15 Hist. V.9.

governaram sem maiores incidentes. Mas os desmandos e a rapinagem do procurador G. Floro levaram os judeus a desencadear uma insurreição em Cesaréia. Salmon aponta como fator preponderante da explosão do movimento o natural desejo de independência nacional e o cálculo de que os recentes acontecimentos na Armênia, enfraquecendo o poder de Roma, propiciaram o sucesso do movimento<sup>16</sup>. A tentativa de confisco do tesouro do Templo, pelo procurador, irritou a paciência dos judeus. A rebelião torna-se inevitável quando em Jerusalém se recusa o sacrifício para o imperador. Os Zelotes lideram os grupos de resistência e a agitação ganha todas as cidades da Judéia e depois Alexandria. Em Jerusalém, houve choques violentos entre a população judaica e as tropas romanas, cujos soldados foram mortos ou expulsos. Em Cesaréia, por esse tempo, verificou-se um massacre de judeus, o que estimulou a represália, não só no reino de Agripa, mas também nas comunidades sírias onde os judeus eram maioria. Os romanos e seus simpatizantes viram-se ameaçados pela ação dos sicarii, que assassinavam e pilhavam. O legado da Síria atravessou a Galiléia, em socorro do procurador Floro. Alcançou Jerusalém, porém logo depois bateu em retirada, perseguido pelos judeus<sup>17</sup>. Os rebeldes organizaram tropas em todo o país e prepararam-se para a resistência, que durou sete anos. O sucesso inicial fortaleceu a posição dos que desejavam a guerra e deu-lhes o apoio dos principais sacerdotes que antes haviam defendido a paz.

Afortunadamente para Roma, os negócios no Oriente caminhavam bem e as relações com os partos normalizaram-se nesse mesmo ano 66. Para conduzir a guerra contra os judeus, Nero designou T. Flávio Vespasiano, a quem confiou três legiões – a **V Macedonica**, a **X Fretensis** e a **XV Apollinaris** –, num total de aproximadamente 50.000 homens. O plano consistia em dominar o país gradativamente, deixando o assalto a Jerusalém para o fim. Assim, Vespasiano procedeu ao ataque a cada cidade em mãos do inimigo e abriu caminho em direção ao Sul, através da Galiléia, de cuja defesa se encarregou José ben Matias (Flávio Josefo). Os romanos cercaram Jotapata e, em meio a terrível matança, com a fome aniquilando as últimas resistências, arrasaram totalmente a cidade<sup>18</sup>. Preocupado em sobreviver, José ben Matias adotou a causa inimiga. Vespasiano passou o inverno em Cesaréia e a seguir devastou Samaria, Iduméia e Peréia, em 68. Em Jerusalém, a guerra civil devorava as facções rivais; os zelotes impuseram-se pelo terror, eliminando membros da aristocracia e dos fariseus, que se opunham à guerra. Vespasiano já se preparava para atacar Jerusalém, quando soube da morte de Nero. Seguiu-se um ano de trégua. Em 69, Vespasiano partiu em busca do poder imperial, deixando ao filho Tito a tarefa de completar a submissão dos judeus. Na primavera de 70 começou o cerco de Jerusalém. A cidade foi sistematicamente demolida e o Templo destruído. A obstinada resistência teve fim quase três anos depois, ao cair a fortaleza Massada. A devastadora vitória extinguiu o Estado Judeu, com a abo-

16 – Salmon, 1963: 196.

17 – Tac. Hist. V 10. Pinsky, 1971: 123: -6. Jos. Bell. Iud. II 13.19-24.

18 – Jos. Bell. Iud. III 8-10.13. Sobre Flávio Josefo, cf. Santos, 1981: 11-119.

lição do Sinédrio e do Sumo Sacerdócio, privava os vencidos do culto no Templo de Jerusalém e determinou a diáspora. A guerra vitimou mais de um milhão de pessoas, número que Tácito<sup>19</sup> reduz para 600.000, e fez cerca de 97.000 prisioneiros. Mas deixou entre os judeus a segura convicção de que a perda do seu Santuário era um fato transitório, animados que estavam pela esperança da restauração do Templo.

## BIBLIOGRAFIA

- CHAPOT, V. **Le monde romain**. Paris, A. Michel, 1951.
- HENDERSON. **The Life and Principate of the Emperor Nero**. London, Methuen, 1903.
- HOMO, L. **Le siècle d'or de l'Empire romain**. Paris, A. Fayard, 1947.
- LEVI, M.A. **Nerone e i suoi tempi**. Milano, Cisalpino, 1949.
- MOMMSEN, T. **Historia de Roma**. Buenos Aires, Joaquin-Gil, 1960. v. IV.
- PICARD, G.C. **Auguste et Néron, le secret de l'Empire**. Paris, Hachette, 1962.
- PINSKY, J. **Os judeus no Egito helenístico**. Assis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1971.
- RADIUS, E. **Nero**. Lisboa, Aster, s.d.
- SALMON, E.T. **A History of the Roman World**. From 30 B.C. to A.D. 138. London, Methuen, 1963.
- SANTOS, R. dos. Autobiografia de Flavius Josephus. **Ensaio de literatura e filologia**, Belo Horizonte, 3: 11-119, 1981.
- WARMINGTON, B.H. **Nero, Reality and Legend**. London, Chatto & Windus, 1969.